

## O QUE PARTIU À PROCURA DO MEDO

Um pai tinha dois filhos. O mais velho era ajuizado e inteligente, mas o mais novo era tonto, incapaz de compreender ou aprender o que quer que fosse. As pessoas, quando o viam, costumavam dizer:

— Aí está um que há-de vir a ser um belo fardo para o pai!

Sempre que tinha uma tarefa a fazer, acabava por ser o mais velho a ocupar-se dela; mas este, se o pai lhe pedia para ir buscar qualquer coisa a uma hora tardia ou à noite em caminho que passasse pelo cemitério ou qualquer outro lugar sinistro, respondia:

— Oh não, pai, não vou, que isso faz-me pele de galinha — pois era medroso. Também à noite, ao serão, quando contavam histórias de pôr os cabelos em pé, as pessoas diziam por vezes:

— Brrr, isso faz pele de galinha.

O mais novo, que estava sentado a um canto, ouvia tudo isto sem conseguir compreender o significado.

— Dizem sempre: faz-me pele de galinha, faz-me pele de galinha! Mas eu nunca fico com pele de galinha. Deve ser mais uma daquelas coisas que não consigo perceber.

Ora acontece que o pai lhe disse um dia:

— Ouve, tu aí no canto, estás a ficar grande e forte; é preciso que aprendas qualquer coisa para começares a ganhar o

pão. Vê o que o teu irmão trabalha. Mas querer ensinar-te é perder tempo e paciência.

— Hé meu pai, só quero que me ensinem e, se fosse possível, gostava de saber o que é pele de galinha, pois não consigo perceber.

Ao ouvir isto, o mais velho pôs-se a rir e disse:

— Meu Deus, que tonto que é o meu irmão. Nunca se há-de conseguir nada dele. Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita.

O pai suspirou e disse:

— Há-de aprender o que é pele de galinha, mas não é com isso que ganharás o teu pão.

Pouco depois, o sacristão veio visitá-los; então, o pai lamentou-se e contou-lhe que o filho mais novo não sabia nada de nada:

— Imagine que, quando lhe perguntei como é que pensava ganhar a vida, me disse que queria aprender a ter pele de galinha.

— Se é só isso — disse o sacristão — poderá aprender comigo; confiai-mo que eu me encarregarei de o desembaraçar.

O pai ficou todo contente, pois pensou: «O meu rapaz ainda vai aprender qualquer coisa.» E assim o sacristão levou-o para casa e mandava-o tocar o sino. Ao fim de alguns dias, o mestre veio acordá-lo ao bater da meia-noite e mandou-o levantar-se e subir ao campanário e tocar o sino. «Vou ensinar-te o que é o medo», pensou; e foi à frente, às escondidas, e quando o rapaz chegou ao cimo e se virou para agarrar na corda viu uma forma branca nas escadas.

— Quem vem lá? — gritou, mas a forma não disse nada, nem se mexeu.

— Responde — gritou o rapaz — ou então vai-te embora depressa, não tens nada que fazer aqui à noite.

Mas o sacristão continuava imóvel, para que o rapaz o tomasse por um fantasma. E ele gritou pela segunda vez:

— O que é que estás aqui a fazer? Se és um homem honesto fala, se não atiro-te pelas escadas abaixo.

O sacristão pensou: «De certeza que não faz uma coisa dessas» e continuou mudo e quedo como se fosse de pedra. Então o rapaz falou-lhe pela terceira vez, e como não obteve resposta, tomou balanço e empurrou-o pelas escadas abaixo, de tal maneira que saltou dez degraus e ficou estatelado num canto. Em seguida, tocou o sino, voltou para o quarto deitou-se sem dar um pio e voltou a adormecer. A mulher do sacristão esperou muito tempo pelo marido, que nunca mais voltava. Por fim, assustou-se e foi acordar o rapaz perguntando-lhe:

— Não sabes o que é que aconteceu ao meu marido? Ele subiu para o campanário à tua frente.

— Não — respondeu-lhe o rapaz — mas estava alguém nas escadas, e como não queria responder nem ir embora, pensei que era um malfeitor e atirei-o pelos degraus abaixo. Ande, vá lá ver, se for ele ficarei muito aborrecido.

A mulher saiu logo e encontrou o marido num canto a gemer, porque tinha partido uma perna.

Depois de o ajudar a descer, foi aos gritos a casa do pai do rapaz:

— O vosso filho causou-nos uma grande infelicidade; atirou o meu marido pelas escadas abaixo de tal maneira que ele partiu uma perna. Tirai esse patife da nossa casa. Assustado, o pai acorreu num instante e ralhou ao filho:

— Que brincadeira de mau gosto foi esta?. Deve ter sido o demónio que te inspirou.

— Pai — respondeu-lhe — escute-me, estou inocente, ele estava lá completamente imóvel como se fosse alguém com más intenções. Não sabia quem era e avisei-o três vezes para falar ou ir-se embora.

— Ah — disse o pai — tu só hás-de trazer-me desgostos; desaparece da minha vista, nunca mais te quero ver.

— Está bem, pai, com certeza, esperai só que se faça dia e partirei para saber o que é o medo. Isso dar-me-á uma ciência com que poderei alimentar-me.

— Aprende o que quiseres — disse o pai. — É-me indiferente. Toma cinquenta escudos e vai correr mundo, mas nunca digas a ninguém donde és, nem quem é o teu pai, porque tenho vergonha de ti.

— Está bem, pai, como quiser, se não me pedir mais nada, disso darei conta facilmente.

Quando amanheceu, o jovem pôs os cinquenta escudos no bolso e meteu-se a caminho, murmurando sem parar:

— Ah, se conseguisse ter medo! Se conseguisse!

Juntou-se-lhe um homem que ouviu o que ele ia a dizer e, depois de andarem um bom bocado, quando avistaram a forca, o homem disse-lhe:

— Olha lá para baixo: aquela é a árvore em que sete malandros acabam de celebrar as suas bodas com a filha do correio e aonde agora aprendem a voar. Senta-te debaixo, espera pela noite e ficarás a saber o que é o medo.

— Se não é preciso mais nada, será fácil, e se eu aprender tão depressa como isso, terás os meus cinquenta escudos. Vem ter comigo amanhã de manhã.

Depois, foi até à forca, sentou-se debaixo e esperou que a noite viesse. Como tinha frio, acendeu o fogo mas por volta da meia-noite o vento tornou-se glacial e, apesar do lume, não conseguia aquecer-se. E como o vento empurrava os enforcados uns contra os outros fazendo-os balançar, pensou: «Tu gelas e estás ao pé do lume, mas aqueles lá em cima devem sofrer muito mais com o frio e a ventania.» E como era bondoso pôs a escada contra a forca, subiu, desprendeu-os um a um e desceu todos os sete. Depois, atçou o fogo, soprou-lhes e sentou-os todos à volta para que pudessem aquecer-se. Mas, como não se mexiam, o fogo pegou-se-lhes às roupas. Então, disse-lhes:

— Tomem atenção ou torno a dependurar-vos!

Mas os mortos não o ouviam, calavam-se e deixavam os seus andrajos arder. Então, zangou-se, dizendo:

— Se não tomam cuidado não poderei fazer nada por vocês, não quero arder convosco.

E acabou por, de novo, os pendurar um a um. Depois, instalou-se junto ao fogo e adormeceu. No dia seguinte, o homem veio procurá-lo para ficar com os cinquenta escudos e disse-lhe:

— Bom, agora já sabes o que é o medo?

— Não, onde é que havia de aprender? Os tipos lá de cima não abriram a boca e são suficientemente tolos para deixarem queimar os trapos velhos que traziam no corpo.

O homem percebeu que não era daquela vez que ganharia os cinquenta escudos e foi-se embora dizendo:

— Nunca vi nada assim!

O rapazito pôs-se também a caminho, começando de novo a dizer de si para si:

— Ah, se ao menos conseguisse ter medo! Se conseguisse ter medo!

Um carroceiro que ia atrás dele ouviu-o e disse-lhe:

— Quem és?

— Não sei — respondeu-lhe.

O carroceiro continuou:

— Onde és?

— Não sei.

— Quem é o teu pai?

— Não posso dizer.

— O que é que estás para aí a resmungar?

— Hé — respondeu o jovem — queria conhecer o arrepio do medo, mas ninguém consegue ensinar-mo.

— Pára com esses disparates — disse o homem. — Vem comigo, vou ver se te emprego em qualquer parte.

O rapaz foi atrás do carroceiro e chegaram à tardinha a uma hospedaria em que resolveram passar a noite. Ao entrar na sala, começou a repetir muito alto:

— Ah, se ao menos conseguisse ter medo! Se conseguisse ter medo!

O hospedeiro, ao ouvi-lo, começou a rir e disse-lhe:

— Se quiseres, aqui não te vai faltar ocasião.